

ALTERIDADE E IDENTIDADE NA RELAÇÃO MÃE-FILHO:

A relação mãe-filho discutida a partir de resultados de pesquisa qualitativa, em diálogo com pensamentos de Peter Sloterdijk e Jacques Lacan.

Maria Collier de Mendonça – Mestranda em Comunicação e Semiótica – PUC-SP

Resumo:

Este trabalho discute a relação Mãe-Filho - para isso, reflete acerca das questões da alteridade e identidade buscando estabelecer um diálogo entre os resultados de pesquisa qualitativa obtidos durante o campo de três discussões em grupo integrantes da pesquisa de mestrado – “Grávidas, Mães e a Comunicação Publicitária” (atualmente em finalização) – e idéias dos pensadores contemporâneos: Peter Sloterdijk e Jacques Lacan.

Palavras-chave: 1) Relação mãe-filho. 2) Pesquisa Qualitativa 3) Comunicação

Abstract:

This paper discusses the Mother-Child relationship. To do this, the issues of alterity and identity are reflected upon using the results obtained during three group discussions held during the qualitative research stage that was part of the Master's dissertation "Pregnant Women, Mothers and Advertising Communications" (currently in development) and ideas of the contemporary thinkers Peter Sloterdijk and Jacques Lacan.

Key words: 1) Mother-child relationship. 2) Qualitative Research 3) Communication

1 - ALTERIDADE, IDENTIDADE, MÃES E FILHOS:

As questões relacionadas à alteridade e identidade são estudadas em diferentes campos das ciências humanas – na filosofia, antropologia, psicanálise, entre outros.

Este trabalho visa estabelecer conexões entre sentimentos intrínsecos à relação mãe-filho, com questões do âmbito da alteridade e identidade, presentes nos pensamentos de Peter Sloterdijk e Jacques Lacan. A proposta, entretanto, não é aprofundar as críticas que Peter Sloterdijk desenvolveu em oposição às idéias de Lacan: aqui se pretende articular de que maneira um conteúdo teórico fundamentado nestes dois autores pode ‘dialogar’ com resultados de pesquisa qualitativa e desenhos realizados por mulheres grávidas e mães de crianças de zero a quatro anos, a partir do tema “como eu me sinto enquanto grávida ou mãe” –durante as três discussões em grupo que realizamos. Ao final do artigo, apresentaremos brevemente as opiniões das entrevistadas acerca de anúncios publicitários, os quais integraram o *corpus* de nossa pesquisa de mestrado, por isso, foram discutidos na pesquisa de campo.

2 - AS MICRO-ESFERAS DE SLOTERDIJK:

O filósofo alemão Peter Sloterdijk, no Volume I – Micro-Esferas, de sua Trilogia Esferas, desenvolve o argumento de que o par representa para o indivíduo a magnitude mais autêntica e real e diz que, desde o estado fetal, o ser humano inclui o outro e se orienta por ele.

Segundo Santaella (2007): “com as “bolhas” [...] busca-se descrever o espaço diádico da ressonância entre as pessoas que são encontradas nas relações simbióticas - mãe e filho, Philemon e Baucis, psicanalista e analisando, místicos e Deus”. (SANTAELLA, 2007, p.21).

Esferas começam convocando os sentidos, as sensações, o entendimento das cercanias, aquilo que a filosofia passou por alto: o espaço vivido, vivenciado.

A experiência do espaço é sempre a experiência primária do existir. Sempre vivemos em espaços, em esferas, em atmosferas. Viver é criar esferas. A díade mãe-filho é a primeira formação esférica, cheia de tons e espaços sonoros. Um abrigo onde começa a solidariedade entre os humanos: a mãe, o núcleo familiar e finalmente a cultura em que se vive [...] (Rocca, 2006 *apud* SANTAELLA, 2007, p.21)

Para Sloterdijk o problema fundamental da Filosofia não é o tempo, mas sim o espaço. Em Micro-Esferas:

Sloterdijk ensaia uma teoria da intimidade, uma ontogênese do espaço interior para reconstruir “o êxodo do ser humano da simbiose primitiva ao tráfego histórico universal em impérios e sistemas globais como uma história coerente de extraversões” que reconstrói “o fenômeno da grande cultura como a novela da transferência de esferas desde o mínimo íntimo, o da bolha dual, até o máximo imperial”. Assim o ser humano emerge como uma utopia biontológica, que tenta por meio de construções científicas, ideológicas e religiosas, recriar o conforto protetor de sua caverna original, as micro-esferas íntimas e não eróticas, mais propriamente ontológicas, dos pares: o feto-placenta, os gêmeos, o indivíduo-coletividade, a alma e Deus, assim como as grandes esferas, os “úteros fantásticos para massas infantilizadas” que são impérios e os Estados-nação. (SANTAELLA, *ibidem*, p.21)

Retornando a Rocca (2006, p. 5):

O drama esferológico do desenvolvimento – da abertura à história começa no instante em que indivíduos que eram pólos de um campo de dupla unicidade saem dele para os mundos multipolares dos adultos. Quando explode a primeira ‘bolha’, sofrem irreversivelmente uma espécie de choque de transcolonização ou desenraizamento existencial. (ROCCA, 2006, p.5)

3 - A PERSPECTIVA LACANIANA:

A teoria de Sloterdijk diferencia-se da psicanálise ao abordar o problema filosófico do homem a partir do espaço e inserir a díade mãe-filho nesta questão. A psicanálise, em contrapartida, parte do ser, ou seja, investiga atentamente a relação mãe-filho - suas interferências e implicações - na constituição do sujeito e sua subjetividade.

Nesse contexto, a psicanalista Malvine Zalcberg (2003) traduz algumas idéias de Lacan acerca do conceito do grande Outro e das rupturas que ocorrem entre o mundo externo e interno, para se deter o poder absoluto da mãe em relação ao filho, quando se convoca a figura do Pai:

Ao formular o conceito de Outro que a mãe é a primeira a representar para a criança, Lacan pretende indicar que se deve levar em conta, para além da mãe, em sua condição de sujeito, o fato de ela reunir muitos aspectos que determinam a criança, o que quer dizer ela fazer parte do mais íntimo da criança. Esta se pergunta: “Quem é esse Outro ao qual estou mais ligado do que a mim mesmo?” O Outro, apesar de ser um estranho para a criança, está ao mesmo tempo, no centro de seu ser. Lacan cunhou o termo *extimité*, conjugando o prefixo *ex* (exterior) à palavra *intimité* (intimidade) para falar desse Outro ao mesmo tempo “dentro e fora”. A criança terá de convocar as rédeas da Lei do Pai para frear o poder absoluto do Outro materno, tão íntimo e próximo. (ZALCBERG, 2003, p.60)

A psicanalista Maria Rita Kehl (1993) ilumina nossa abordagem da alteridade e identidade na relação mãe-filho numa perspectiva lacaniana dizendo que o Ego Ideal seria o ego do desejo materno: alienante porque não corresponde à experiência... Nas palavras de Kehl: “*um eu-fora-de-mim que eu quero ser, mas não confirma o eu dentro-de-mim*”. Estruturante pelo mesmo motivo: “*minhas tentativas de ser “aquela” (imagem) é que vão me constituir como sujeito (a).*” Assim, desta ruptura entre o mundo interno e externo surge a necessidade do conhecimento que, para Lacan, nunca vai se libertar de um componente paranóico:

[...] alguém (a mãe do bebê, é claro) já sabia sobre mim algo que eu só vim a saber agora – que eu sou esta imagem do espelho. O poder que a mãe, e depois todos os outros, detém sobre o bebê – e depois sobre o adulto – é o de saber dele a partir de fora, poder dizer sobre ele coisas que ele desconhece, ver nele o que ele não vê. Desejar nele o que ele não sabe o que é.

Possuir o código para decifrá-lo. Preciso me apropriar deste mundo do qual “outros” já se apropriaram antes de mim. Preciso me apropriar deste mundo para saber de mim mesmo e conquistar poder – sobre mim, sobre os outros. Conhecer para me dominar, conhecer para rivalizar: todo saber humano é mediado em parte pelo desejo do Outro (o Outro com maiúscula, ou seja, o detentor do código que eu não detenho: o Outro da paranóia). Todo saber se funda na necessidade de ser amado e no medo de ser dominado pelos outros. (KEHL, 1993, p.412-413)

Nas Micro-Esferas de Sloterdijk, o que está em foco não são trocas simbólicas de poder, nem questões estruturantes da imagem como nas idéias lacanianas; mas sim, vivências sensoriais que nos levam a buscas de retornos ou reconstituições da ‘caverna materna’. Assim, aqui se tem duas abordagens científicas distintas acerca da relação mãe-filho, as quais podem ainda ser complementadas com palavras da psicóloga Maria Tereza Maldonado (1985) sobre as transformações psíquicas e identitárias, características da gravidez:

A gravidez é uma transição que faz parte do processo normal do desenvolvimento. Envolve a necessidade de reestruturação e reajustamento em várias dimensões: em primeiro lugar, verifica-se mudança de identidade e uma nova definição de papéis – a mulher passa a se olhar e a ser olhada de uma maneira diferente [...] Muitas vezes, também esta nova definição de papéis traz à tona antigos conflitos de relacionamento: a mulher ou o homem podem querer ser melhores do que os próprios pais, ou se sentem incapazes de competir com eles, ou encaram o bebê como um irmão mais novo, rivalizando pelo afeto do pai ou da mãe [...]. (MALDONADO, 1985, p.22)

4 - A PESQUISA DE CAMPO: SUA METODOLOGIA, OBJETIVOS, AMOSTRA E PROCEDIMENTOS

Foi utilizada a metodologia qualitativa e a técnica de discussões em grupo, na qual, objetivou-se levantar opiniões, atitudes e percepções acerca dos significados associados ao “*ser mãe hoje*” e investigar como as grávidas e mães contemporâneas percebiam-se na condição maternal. A amostra pesquisada foi composta por três grupos, com leitoras e leitoras potenciais das Revista *Crescer* e *Pais e Filhos*¹, sendo: um grupo com mulheres grávidas, um grupo com mães de bebês de 0 a 12 meses e um grupo com mães de crianças de 1 a 4 anos. As participantes dos grupos foram convidadas através do site da revista *Crescer*. Procurou-se balancear todos os grupos com mães de primeiro e segundo filho, mulheres mais velhas e mais novas, como também, profissionais de diferentes ramos, habitantes de diferentes bairros de São Paulo - Capital, com crianças em diferentes escolas.

As discussões seguiram a um roteiro de perguntas abertas (não-diretivas) e foram iniciadas com um debate verbal, a partir do tema - *ser mãe no mundo de hoje*. Desta forma, inicialmente discutiram-se as recompensas e prazeres associados à maternidade, em seguida, as dificuldades, inquietações e dúvidas das entrevistadas. Na segunda etapa das reuniões, foi aplicada a técnica projetiva do desenho da auto-imagem, com o propósito de coletar respostas não-verbais, para enriquecer o material coletado através da expressão visual. E, no final das

¹ O *corpus* de nossa pesquisa de mestrado foi constituído por anúncios publicitários veiculados nas revistas *Crescer* e *Pais e Filhos* no período de 2006 a 2009, por isso, entrevistamos leitoras e leitoras potenciais destas publicações. A Editora Globo cedeu-nos uma sala com a infra-estrutura para realização dos grupos e exemplares da revista *Crescer* do período pesquisado.

discussões, as participantes receberam exemplares da revista *Crescer* do período pesquisado e foram orientadas a selecionar anúncios publicitários, de modo que pudessem compor dois painéis: um com os anúncios de que gostavam e outro com os anúncios de que não gostavam. Finalmente, foram discutidos os motivos de agrado e desagrado e também como percebiam as representações das mães e grávidas, os principais apelos e mensagens comunicados nos anúncios selecionados.

5 - OS PRINCIPAIS RESULTADOS DESTA PESQUISA CONECTAM-SE CLARAMENTE COM AS IDÉIAS DAS MICRO-ESFERAS DE SLOTERDIJK:

[1] Os prazeres e recompensas associados à maternidade foram levantados nas respostas verbais (durante os debates iniciais) e não-verbais (através dos desenhos da auto-imagem) e depois ressurgiram nos apelos, mensagens e imagens presentes no grupo de anúncios publicitários de que gostavam.

Algumas opiniões foram consensuais. Nos três grupos, as entrevistadas verbalizaram que as mães sentem um amor incondicional pelos seus filhos e a maternidade lhes proporciona sentimentos de alegria, felicidade, vínculo e cumplicidade ao olharem seus filhos e saberem instintivamente se eles estão com fome, querem colo ou necessitam de algo mais... Entre elas, há a sensação de que os filhos são para sempre, enquanto namorados e maridos podem partir; assim como, há um sentimento de gratificação de se acompanhar o desenvolvimento das crianças, aliado à responsabilidade de se educar os filhos. Traduzem, desta maneira, o poder de gerar uma vida como um sentimento mágico e de plenitude, que faz as mulheres descobrirem recursos internos para lidarem com dificuldades e, assim, crescerem e amadurecerem.

Enquanto a gravidez é a fase na qual as metamorfoses corporais e psicológicas são vividas intensa e sensorialmente. O primeiro ano de vida parece ser o período onde a simbiose mãe-bebê é densamente vivenciada através de um vínculo relacional, repleto de descobertas mútuas e progressos cotidianos: a cada dia novos sons, sorrisos, olhares, movimentos, palavras... Em contrapartida, convivem com um forte sentimento de culpa e uma grande dificuldade de separação ao necessitarem sair para trabalhar e deixar os bebês com outras pessoas. Nesta etapa, podemos visualizar os espaços ou esferas relacionais de Sloterdijk e as manifestações psíquicas do Estado do Espelho de Lacan nos desenhos feitos pelas entrevistadas.

[2] As mães de crianças de 1 a 4 anos já apresentam experiências mais amplas, isso se manifesta não somente nos seus depoimentos, mas também pode ser percebido através dos seus desenhos, que são os primeiros a incluírem figuras paternas e cenários do mundo externo, para além da simbiose mãe-filho.

Nesta etapa, ocorrem os processos de socialização das crianças e abertura das famílias para o mundo externo. Assim, as ‘bolhas’ duais de Sloterdijk parecem romper-se quando as mães retomam suas atividades cotidianas, necessitam conciliar variados papéis e precisam contar com os pais na divisão das tarefas cotidianas. Ocorre aí uma reconstrução das relações conjugais e familiares, de forma que nos seus desenhos e depoimentos das mães de crianças de 1 a 4 anos podemos observar o estabelecimento de novas dinâmicas nas relações entre mães e filhos e entre maridos e mulheres. A verbalização abaixo confirma nossas interpretações:

“Antes, éramos marido e mulher... Mas, depois que o filho nasce, passamos a ser como Batman e Robin: uma dupla dinâmica que administra os cuidados com o filho... Uma parceria em outra instância!” (depoimento de entrevistada, mãe de criança de 1 a 4 anos)

[3] Finalmente, as grávidas relatam experiências emocionais paradoxais, que combinam sentimentos de plenitude com inseguranças e dúvidas, conforme explicitado por Maldonado. Para esta parcela de entrevistadas, a metamorfose corporal e psicológica vivenciada na gravidez gera-lhes muitas ansiedades e expectativas... A cada exame e consulta médica, esperam tensas para saber se tudo vai bem com a saúde delas e seus fetos. Sentem medo do parto e de perder os filhos... Sentem-se observadas, alvos de julgamentos alheios, assim como, sonolentas e

distraídas no ambiente de trabalho... E, ainda, inseguras em relação a retomada das atividades cotidianas após o nascimento dos filhos...

6 – OS DESENHOS DA AUTO-IMAGEM E SUAS CONEXÕES COM OS PENSAMENTOS DE SLORTEDIJK E LACAN

A técnica projetiva do desenho da auto-imagem foi aplicada nas três discussões em grupo: cada participante fez um desenho, em seguida, cada grupo montou um painel onde estes desenhos foram expostos e cada entrevistada contou o que havia desenhado às demais, através de depoimentos verbais.

Enquanto as opiniões inicialmente verbalizadas nos debates tenderam a matizar e a se alinhar aos conteúdos ideológicos e imagéticos percebidos pelas entrevistadas nos anúncios publicitários por elas selecionados - os desenhos foram capazes de agregar novas respostas, complementando os resultados da pesquisa com a expressão de emoções, contextos e sentimentos maternos bem interessantes. Aconteceu um movimento curioso e comum a todos os grupos: o discurso verbal tendeu a trafegar mais na esfera do imaginário coletivo, enquanto nos desenhos, as entrevistadas soltaram-se mais e projetaram neles idealizações, expectativas ou até sensações mais inconscientes.

Grupo 1 (grávidas) – tema dos desenhos: “como eu me sinto grávida”

Quando analisamos os desenhos das grávidas, podemos perceber neles uma confluência com as Micro-Esferas de Sloterdijk, que se expressa também nos depoimentos explicativos sobre o que desenharam: há neles, uma temática comum que são as sensações e emoções envolvidas na transformação corporal da geração e espera pelo nascimento do bebê, o que inclui uma carga de sonhos, expectativas e desejos mais profundos...



Figura 1 – borboleta – verbalização da entrevistada: “eu coloquei a borboleta que sou eu (passando pela metamorfose que é a gravidez)... Sinto que estou em paz e bem livre... pomposa e bonita como uma borboleta”.

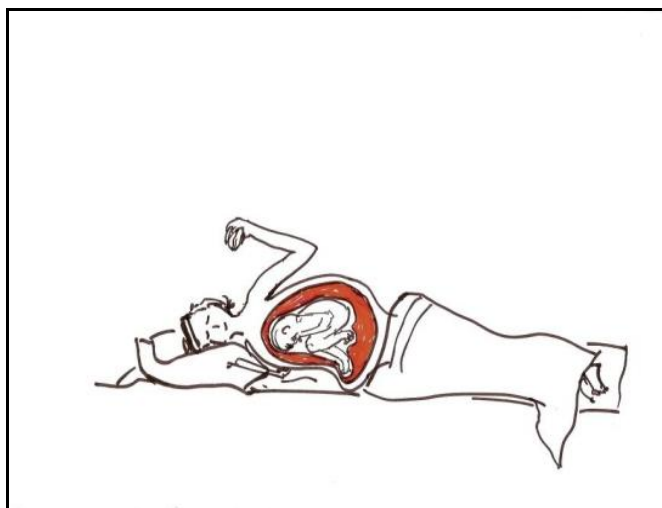


Figura 2 – grávida dormindo – verbalização da entrevistada: “eu dormindo, porque tenho sentido muito sono na gravidez... E o bebê é uma coisa que vai acontecendo, sozinho e vai nascer...”



Figura 3 – cegonha – verbalização da entrevistada: “eu fiz a cegonha segurando a bolsa e pensei na mãe superprotetora e carinhosa que vou ser e – como a gravidez é uma fase importante para mim – escolhi um dia bonito e claro”.

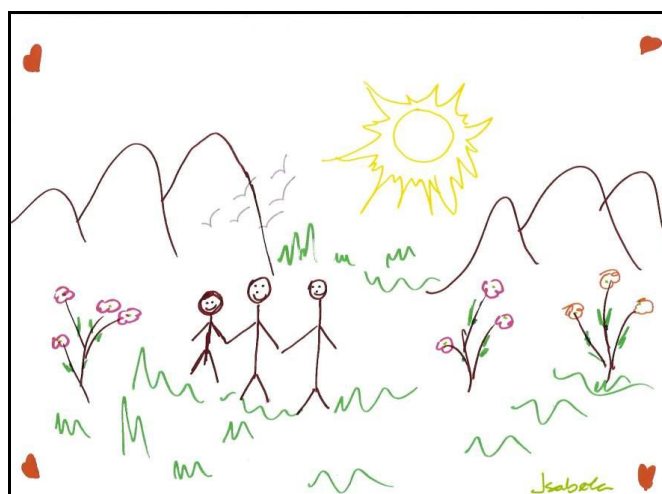


Figura 4 – eu e meus filhos – verbalização da entrevistada: “desenhei eu com meus filhos num lugar bonito, porque penso muito em qualidade de vida e meu projeto de futuro é viver longe de São Paulo...”

Quero mais paz e tranquillidade... Para poder curtir o sol, os dias bonitos, os pássaros e muito verde... Penso em diminuir o ritmo e curtir a vida com meus filhos”.

Grupo 2 (mães de bebês de 0 a 12 meses) – tema dos desenhos: “como eu me sinto enquanto mãe”

Ao observarmos os desenhos das mães de bebês como um conjunto, a figura da mãe revela-se como a casa e a fonte de vida (nas metáforas da água, da luz do sol e do ninho) que nutrem e acolhem o bebê. Seus desenhos novamente reafirmam as idéias de Slortedijk, as quais também se referem à metáfora do ninho que aqui ressurgiu numa árvore florida e bem enraizada desenhada por uma das entrevistadas:

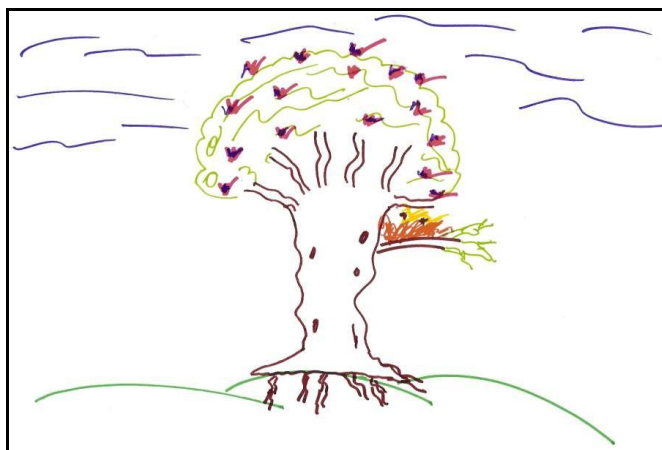


Figura 5 – ninho – verbalização da entrevistada: “eu me sinto como uma árvore. Depois que a Marina nasceu, eu floresci, criei raízes e me fortifiquei! Os passarinhos têm a ver com o ninho, que é minha família, uma coisa gostosa, nós três juntos! A minha vida ficou mais colorida, com nuances, eu me sinto mais feliz!”

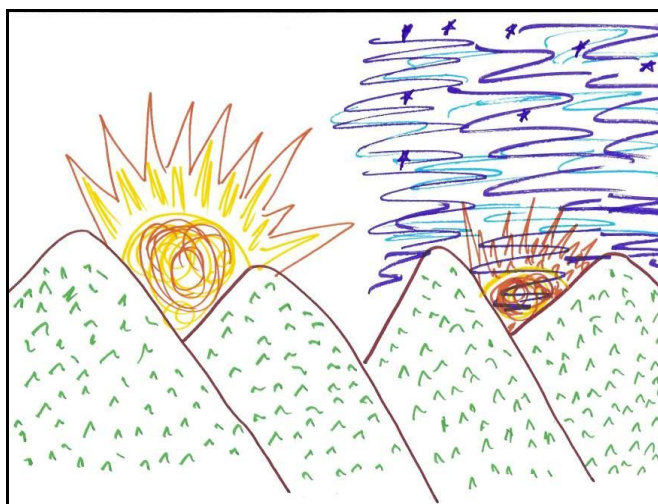


Figura 6 – dia e noite – verbalização da entrevistada: “a mãe é como o sol na vida da criança... Desenhei o nascer e o pôr-do-sol, porque eu estou presente todos os dias, dando calor humano e aconchego! E tem a natureza que me traz uma coisa gigante do ser humano, do estar vivo. O sol representa como eu me sinto necessária na vida dela”.



Figura 7 – o barco no mar – verbalização da entrevistada: “o mar tem muito a ver com a mãe, é calmo quando precisa e é bravo quando precisa; se eu precisar de algo para meu filho, saio destruindo tudo! Como mãe, eu sou assim: sem água a gente não vive e sem mãe a gente também não vive!”

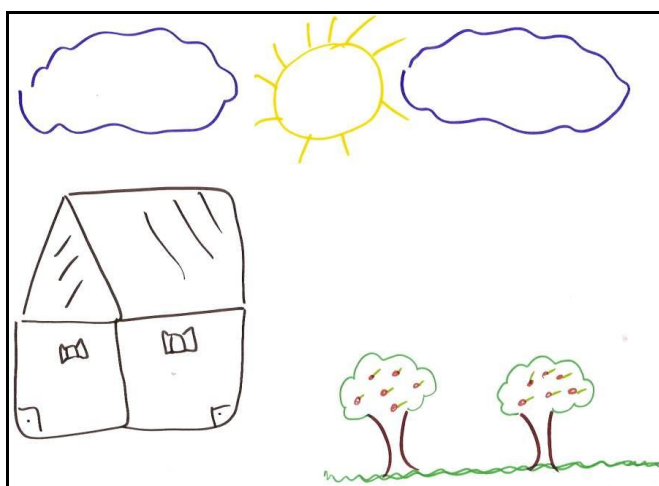


Figura 8 – a casa – verbalização da entrevistada: “a casa é o porto seguro: primeiro o bebê fica na barriga, depois vai para a casa, que é o lar... Em seguida, ele sai para uma “casona” que é o mundo... Ser mãe me faz sentir especial: a família é importante! Eu não quero perder o aconchego disso nunca! É isso que eu imagino para o filho que gerei!”

Grupo 3 (mães de crianças de 1 a 4 anos) – tema dos desenhos: “como eu me sinto enquanto mãe”

No grupo das mães de crianças de 1 a 4 anos, os desenhos relacionam-se a movimentos de restabelecimento das conexões familiares com o mundo externo, para além da díade mãe-filho, como podemos observar no desenho a seguir da estrada das surpresas (figura 9):



Figura 9 – a estrada das surpresas – verbalização da entrevistada: “eu queria muito ser mãe e poder ser mãe é muito legal! É um presente que você abre durante o caminho e tem amor, pedra, lágrima, flor, noite, dia, montanha... é um caminho cheio de curvas e percalços, mas que traz muita realização em cada fase do desenvolvimento”.

Somente neste grupo, algumas figuras paternas aparecem em cena. Estes pais surgem em papéis mediadores – como no desenho abaixo referente ao abismo (figura10) – com a mãe querendo se jogar nas águas, o filho mais protegido e o peixe (que nos remete ao Grande Outro de Lacan) pulando para a superfície das águas para ver o que acontece lá em cima, na esfera familiar:

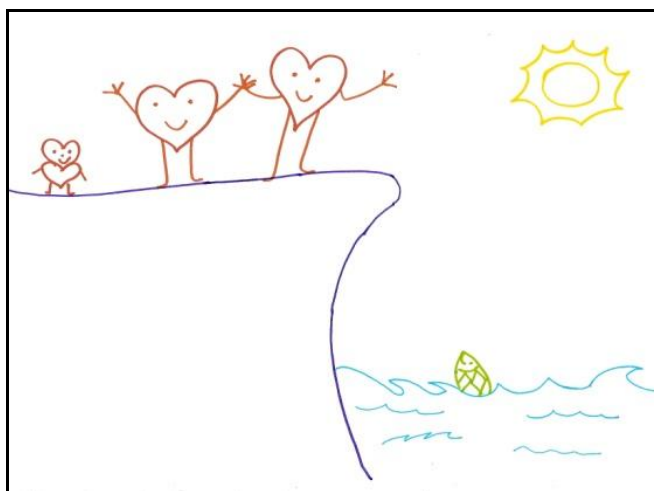


Figura 10 – o abismo e o peixe – verbalização da entrevistada: “são vários sentimentos fortes e conflitantes que envolvem a maternidade e eu coloquei a família: eu, o Cláudio (marido) e o Gustavo (filho) – todos juntos na beira do abismo. Ele me segura e diz: ‘– não se joga no mar, não sai pulando, fazendo o que você quer porque tem a gente aqui!...’ O Gustavo é livre para correr para onde quiser. Fiz uma paisagem porque é bonito, gostoso, tem o clarão do sol e o peixe, que são as outras pessoas nos olhando.”

Ou em papéis periféricos como no desenho abaixo (fig. 11), onde o pai está envolto de pequenos corações (Jorge) e o filho (Luca) ainda ocupa o centro do universo e do coração maternal:

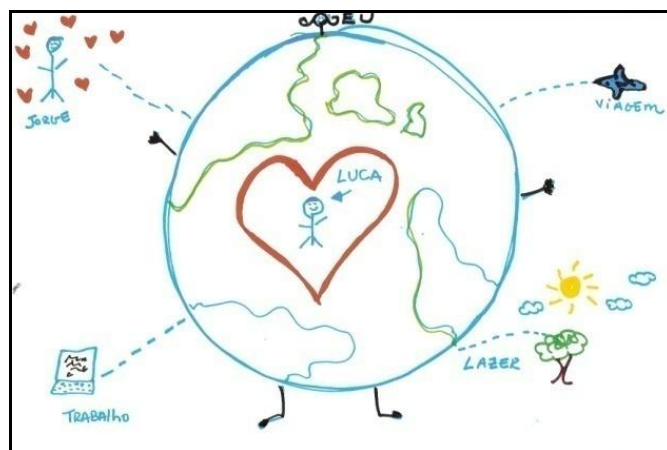


Figura 11 – o filho no centro do universo maternal – verbalização da entrevistada: “o Luca como o amor no centro do meu universo, as outras coisas que eu gosto e que fazem parte da minha vida e se tornaram periféricas... o amor pelo meu marido, o trabalho, as viagens, o lazer...”

Outro aspecto curioso nos desenhos deste grupo são as reconstruções das identidades das mães que acontecem a partir das interações com seus filhos e maridos. Nos desenhos e verbalizações abaixo, podemos perceber como as alteridades e identidades de mães e filhos (e – em alguns casos – também dos pais) são construídas a partir de trocas mútuas:

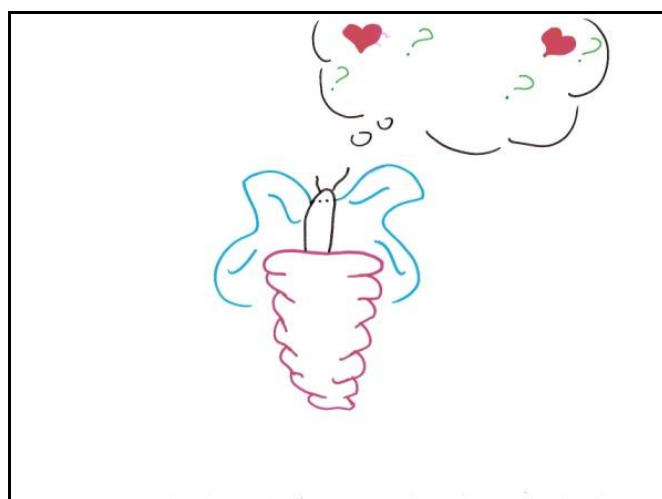


Figura 12 – a mãe em metamorfose – verbalização da entrevistada: “não sei explicar, é um casulo e ainda me sinto dentro dele, não sei como estou agindo com minha filha no mundo... Eu tenho que me encontrar como mãe, eu cresci muito, amadureci, faço tudo para ela e ela tem que se adaptar comigo, sou um ser em fase de amadurecimento”.

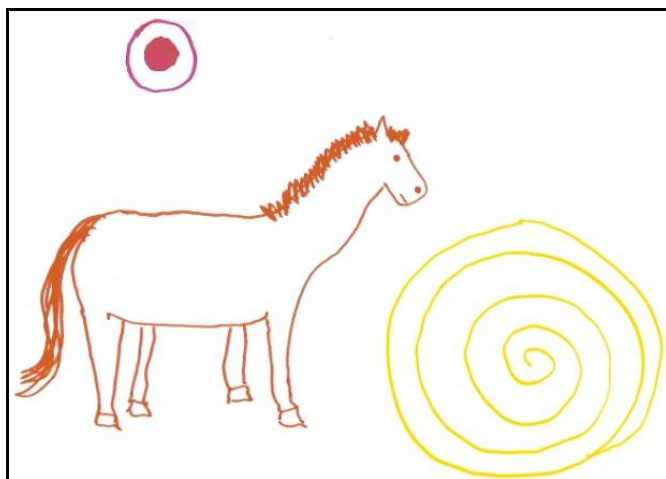


Figura 13 – o cavalo e as enroladas – verbalização da entrevistada: “ser mãe é aprender a desenhar cavalo que é o que ele (o filho) mais gosta... Ainda não tenho muita coisa para desenhar da minha filha, porque ela só tem 9 meses e está aprendendo a engatinhar, então fiz um ponto vermelho para representar ela e uma espiral (maior) que sou eu meio enrolada...”

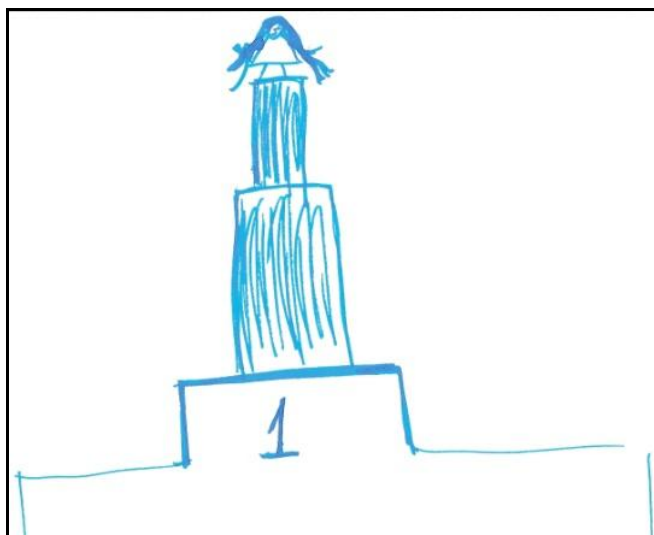


Figura 14 – a número 1 – verbalização da entrevistada: “desde que eu estava grávida comecei a gostar mais de mim pelo fato de poder gerar uma pessoa e depois que ela nasceu me achei mais legal, passei a gostar mais de mim, me achar mais linda, mais magra. Hoje eu me acho mais especial por ter feito a Mariana”.

7 – OS ANÚNCIOS QUE AS ENTREVISTADAS GOSTAVAM E NÃO GOSTAVAM E SUAS PERCEPÇÕES CONSENSUAIS

Houve consenso nos três grupos com relação às características presentes nos anúncios de que as entrevistadas gostavam. Algumas características nucleares foram apontadas consensualmente (pela amostra pesquisada) como aspectos de agrado nos anúncios selecionados, são elas: a presença de imagens e mensagens que remetem ao vínculo mãe-filho, às sensações e sentimentos de carinho, amor, acolhimento, aconchego, harmonia, paz, serenidade e momentos marcantes da convivência mãe-filho no primeiro ano de vida (as mamadas, os sorrisos, as descobertas).

Produtos e marcas com apelos de proteção, cuidado e estímulos ao desenvolvimento e às brincadeiras constituem anúncios muito apreciados que remetem a sensações e sentimentos como segurança, tranquilidade, alegria e felicidade.

De acordo com Sloterdijk (2003), em *Esferas I – Borbujas* – “*mães e filhos não se pintam mutuamente, irradiam-se reciprocamente.*” Para o autor, há uma alegria nas trocas interfaciais que acontecem entre eles e isto irradia quem os observa... Por isso, há um encantador micro-clima que se instaura espontaneamente entre rostos de pessoas maduras e bebês: este micro-clima remete à alegria das sócio-esferas primárias, que são os círculos mais íntimos de sincronia de ritmos e emoções, um campo protegido do *rooming in* primário da existência humana - que é o ninho, a incubadora mãe-filho, um lugar quente e alegre.

Estes pensamentos de Sloterdijk parecem totalmente conectados com as imagens destes anúncios apreciados pelas mães e grávidas, que mostram basicamente o contato físico entre mães e filhos num clima de harmonia, que só vem a reforçar o vínculo físico e emocional entre ambos... Além dessas imagens, as entrevistadas também gostam muito de imagens de crianças sorrindo – como veremos nas ilustrações a seguir, estes anúncios apreciados, irradiam mães e filhos ou crianças sorrindo, que também remetem ao lúdico, ao se desenvolver e brincar típicos da infância (ainda sob os olhos da mãe).

Figura 15 – Anúncios de que as entrevistadas gostavam



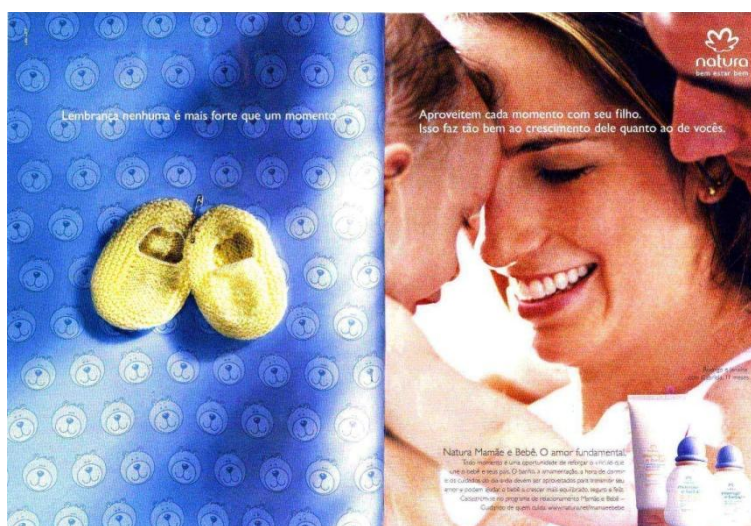
Turma da Mônica (Crescer, abril, 2006)



Johnson's (Pais e Filhos, abril, 2007)



Concurso Bebê Johnson's (Crescer, agosto, 2007)



Natura Mamãe e Bebê (Crescer, dezembro, 2006)



Nestlé (Crescer, março e julho, 2007)

Alô Bebê (Crescer, agosto, 2007)

Nenê Dent (Crescer, março, 2008; Pais e Filhos, junho 2009)

Figura 16 – Anúncios de que as entrevistadas gostavam



Havaianas (Crescer, dezembro, 2007)



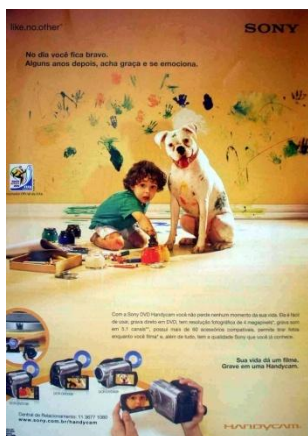
Omo (Crescer, dezembro, 2007)



Turma da Mônica (Crescer e Pais e Filhos, abril, 2007)



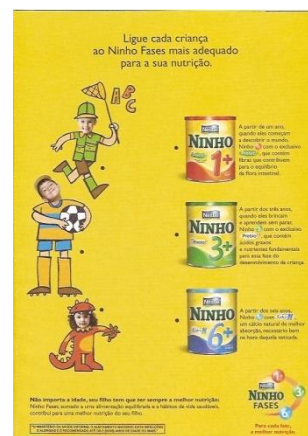
Omo (Crescer, janeiro, 2008)



Sony, (Crescer, dezembro, 2007)



Ninho Fases (Crescer, junho, 2007)



Ninho Fases (Crescer, julho, 2007)

Entretanto, se pudéssemos destacar duas campanhas emblemáticas, que sintetizam os principais apelos e mensagens apreciadas de forma unânime, certamente destacariamos a campanha da Johnson's – “Quando nasce um bebê, nasce também uma mãe” (que sintetiza a mensagem e imagem da mãe e bebê em harmonia) – e a campanha de Omo – “Porque se sujar faz bem” (que sintetiza o incentivo ao brincar e estimula as mães a incentivarem o desenvolvimento das crianças).

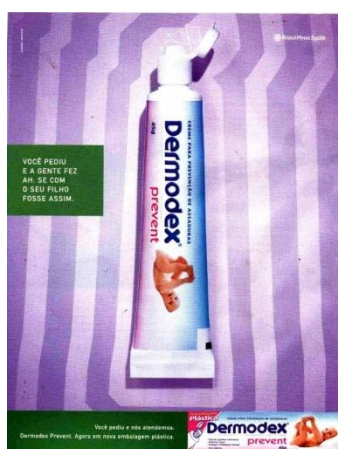
No grupo de anúncios de que as entrevistadas não gostavam (figura 17 – Casa e Vídeo, Dermorex, Nuk, Modeladores Yoga e Toyota), as principais críticas e incômodos relacionaram-se a: o foco na venda dos produtos (ou, nas palavras das entrevistadas, “as abordagens muito consumistas”), a ausência do vínculo mãe-filho (nas imagens e mensagens), a falta de apelos emocionais, além das cores e imagens “sem vida” ou programações gráficas consideradas “muito poluídas”. Também foram criticadas as imagens de mulheres grávidas ou mães que remeteram a sentimentos desagradáveis como cansaço e desconfortos físicos durante a gravidez e corpo fora de forma no pós-parto (figura 17 - modeladores Yoga) ou a imagens e mensagens associadas a exigências sociais de que as mães atuem como ‘super mulheres’ (figura 17 - Toyota).

A seguir, podemos ver exemplos de anúncios fortemente criticados pelas entrevistadas:

Figura 17 – Anúncios de que as entrevistadas não gostavam



Casa e Vídeo
(Crescer, setembro, 2006)



Dermorex
(Crescer, julho, 2007)



Nuk
(Pais e Filhos, abril, 2007)

Figura 17 – Anúncios de que as entrevistadas não gostavam



Modeladores Yoga
(Crescer dezembro, 2007)



Modeladores Yoga (Crescer,
janeiro, março e abril, 2008)



Toyota Corolla Fielder (Crescer, junho, 2007)

8 – CONCLUSÕES:

Apesar de Sloterdijk ter criticado duramente as idéias de Lacan, é interesse perceber como muitas idéias destes distintos pensadores podem contribuir na análise do material aqui apresentado - relativo aos depoimentos, desenhos e anúncios publicitários – enriquecendo, assim, a compreensão acerca das relações entre mães e filhos.

Conforme dito inicialmente, esta pesquisa de campo faz parte do projeto “Grávidas, mães e a comunicação publicitária”, que gerará uma dissertação de mestrado. Desta maneira, algumas conclusões preliminares serão apresentadas abaixo e contribuirão com o desenvolvimento da dissertação:

[1] Ao mesmo tempo em que há um universo comum no imaginário coletivo das fases estudadas, que abraça o tema do ‘*ser mãe hoje*’ de maneira consensual e abrangente... Há universos imaginários e emocionais distintos e característicos de cada etapa pesquisada, ou seja, da gravidez, do primeiro ano de vida e do período de 1 a 4 anos dos filhos.

[2] Nestes universos imaginários e emocionais, algumas imagens, sensações, sentimentos, prazeres, inquietações e dificuldades ganham maior ou menor destaque nas experiências cotidianas - seus contextos e climas – dependendo das fases da gravidez e maternidade em questão.

[3] Esta riqueza de experiências vivenciadas nas relações mãe-filho revela-se nos debates orais e nos desenhos das entrevistadas; porém, há pistas iniciais de que a publicidade dirigida ao público entrevistado tende a fazer recortes específicos da relação mãe-filho. Seus apelos concentram-se em mensagens de proteção, segurança, conforto, carinho, vínculo, afeto e também no incentivo ao desenvolvimento da criança, o que envolve um apelo lúdico...

[4] No contexto geral, muitas destas mensagens publicitárias voltam-se mais para dar respostas às inseguranças das grávidas e mães de bebês (sobretudo as de primeira gestação) do que à riqueza e amplitude das imagens, emoções e experiências envolvidas no universo da maternidade...

[5] Muitas representações das mães na propaganda tendem a reproduzir pressões e valores sociais... Em muitos anúncios, retrata-se a idéia de vínculo e harmonia mãe-filho e a figura da mãe é posta como provedora totalmente disponível para cuidar do bebê... Quando, na verdade, as entrevistadas sofrem muito ao terem de se ausentar para trabalhar... Sentem-se culpadas e invejam a condição de disponibilidade materna integral, que se torna muito mais presente no imaginário publicitário do que nas suas vidas cotidianas.

BIBLIOGRAFIA:

- BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – um Manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- KEHL M. R., **Masculino/ feminino: o olhar da sedução**, In NOVAES, A. (Org.): O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- MALDONADO, M. P. T. **Psicologia da Gravidez**. Vozes: Petrópolis, 1985.
- OCARIZ, M. C.. **Feminilidade e função materna**. In: ALONSO, S. L., BREYTON, D. M. E GURFINKEL, A. C. (Orgs.). Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo. Escuta: São Paulo, 2002.
- ROCCA, A. V. **Esferas, helada cósmica y políticas de climatización**. Eikasia, revista de filosofia, 5 de julho 2006. Disponível em: <<http://www.revistadefilosofia.com/SLOTTERDIJK.pdf>> Acesso em: 06/08/2008.
- SANTAELLA, L. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTALLA L. e NÖTH W. **Otherness at the roots of cultural semiosis**. Disponível em http://www.augustoponzio.com/Critical/9._NothSantaella.pdf. Acesso em: 06/06/08.
- SLOTTERDIJK, P. **Onde começam os erros de Lacan** em Sparen I Blasen, Excurso 9. Frankfurt/ M Suhrkamp, PP 543-548. Tradução de *Zeljko*. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/nh/v6n1/v6n1a07.pdf>> Acesso em: 06/08/2008.
- SLOTERDIJK, P. **Esferas I – Borbujas**. Madri: Siruela, 2003.
- ZALBERG, M. **A Relação Mãe-Filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.